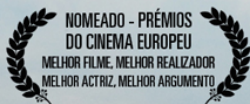


Les Films du Fleuve e Archipel 35 apresentam



PRÉMIO ESPECIAL DO JÚRI
FESTIVAL DE CANNES

Lisbon
& Estoril
Film Festival



Cécile de France

Thomas Doret

O Miúdo da Bicicleta

um filme de *Jean-Pierre e Luc Dardenne*

com *Jérémie Renier - Fabrizio Rongione - Egon Di Mateo* e a participação de *Olivier Gourmet*

Argumento de Jean-Pierre et Luc Dardenne • Fotografia Alain Marcoen • Montagem Marie-Hélène Dozo • Som Jean-Pierre Duret • Mistura Thomas Gauder • Décors Igor Gabriel Guarda-Roupa Maïra Ramedhan-Levi • Assistente de Realização Caroline Tambour • Direcção de Produção Thomas Alfandari • Produtores Jean-Pierre e Luc Dardenne, Denis Freyd
Produtora Executiva Delphine Tomson • Co-Produção Andrea Occhipinti • Produtores Associados Arlette Zylberberg, Bernadette Meunier, André Michotte, Stefano Massenzi
Uma Co-produção Les Films du Fleuve, Archipel 35, Lucky Red, France 2 Cinéma, RTBF (Televisão belga), Belgacom • Produzido com o apoio de Centre du Cinéma et de l'Audiovisuel
de la Communauté Française de Belgique et de VOO, Centre National du Cinéma et de l'Image Animée, EURIMAGES • Com a participação de CANAL+, CINÉCINÉMA, France Télévisions
Région Wallonne (Wallimage), Artémis Productions, Tax Shelter du Gouvernement Fédéral Belge, Taxshelter.be, Inver Invest, Casa Kafka Pictures, Casa Kafka Pictures Movie
Em associação com Wild Bunch et Soficinéma 7, com o apoio do Programa MEDIA da União Europeia.

Cyril tem apenas 11 anos, mas tem uma determinação imparável. Recusa acreditar que o pai o abandonou e faz tudo aquilo que está ao seu alcance para o encontrar. No seu caminho encontra Samantha, uma cabeleireira que o acarinha e aceita ficar com ele durante os fins-de-semana.

Mas será o amor de Samantha suficiente para acalmar a raiva que vive dentro deste rapaz?

Entrevista com Jean-Pierre e Luc Dardenne



Qual a origem de O MIÚDO DA BICICLETA?

Luc: Tivemos essa história nas nossas cabeças durante muito tempo: uma mulher que ajuda um rapaz a emergir da violência que o mantém prisioneiro. A primeira imagem foi a deste rapaz, este ser em tumulto, suavizado graças a outro ser humano.

Jean-Pierre: Primeiro imaginámos Samantha como uma médica mas mudámos de opinião e decidimos que ela seria uma cabeleireira, instalada no seu bairro desde há bastante tempo.

Este é um filme muito comovente sem nunca cair em sentimentalismos.

Jean-Pierre: Graças a Deus!

Luc: Nunca quisemos que o público percebesse porque é que a Samantha se sentia arrastada por Cyril. Não queríamos explicações psicológicas. Não queríamos que o passado explicasse o presente. Quisemos que o público pensasse: “Ela está a fazer isto!”. E isto já é bastante.

Cyril está sempre em movimento. Ele é incansável.

Jean-Pierre: Sim, ele está muitas vezes na sua bicicleta... Este miúdo sem quaisquer laços corre atrás de amor sem o saber.

As relações entre pais e filhos destacam-se muitas vezes nos vossos filmes: “A Promessa”, “A Criança”, “O Filho”. Porquê?

Luc: Somos todos “filhos de” ou “filhas de”...

Jean-Pierre: A nossa sociedade glorifica o indivíduo. Talvez seja como uma reacção a este facto que regressamos tantas vezes à ideia de vínculo. Mesmo que nem sempre seja biológico, como acontece com Samantha e Cyril.

Apesar da violência da história de Cyril o filme tem um lado luminoso.

Jean-Pierre: Sim, procurámos encontrar alguma fluidez. Filmámos no Verão, o que é uma novidade para nós.

É difícil filmar a bondade?

Luc: Diante dela, a maldade é sempre mais entusiasmante (risos). Era muito importante não retratarmos uma bondade

cliché, claro, mas sim mantermo-nos o mais próximos possível desta ideia de abertura e troca.

Jean-Pierre: Filmar uma personagem que tem os melhores sentimentos de outra pessoa no coração não sucede habitualmente connosco. Filmar no Verão ajudou-nos a dar ao filme alguma clareza e suavidade. E Cécile de France reúne estas qualidades naturalmente.

É pouco habitual trabalharem com actores conhecidos.

Luc: Nada foi programado. Nunca escrevemos com um actor específico em mente. Mal terminámos o argumento começámos a pensar em atrizes e em Cécile em primeiro lugar. Com ela sabíamos que evitaríamos toda a psicologia... que o seu corpo e rosto seriam suficientes. Entregámos-lhe o argumento e ela aceitou logo. Ela fez-nos algumas perguntas relativamente às motivações da sua personagem. Dissemos-lhe que a Samantha estava ali, e ponto final. Ela acreditou em nós.

Ela parece ter redescoberto o seu sotaque belga...

Jean-Pierre: Sim! Fomos muito cuidadosos com o sotaque. Não queríamos o efeito “chegou a atriz francesa!”. A Cécile é belga, não nos esqueçamos disto. Ela cresceu não muito longe da região onde o filme se desenrola mas o seu sotaque é ligeiro e não quisemos exagerá-lo.

Como encontraram Thomas Doret, o rapaz que interpreta Cyril e que está quase sempre no ecrã?

Jean-Pierre: Com o método habitual quando se procuram actores daquela idade: pusemos um anúncio nos jornais e depois organizámos um casting com centenas de crianças.

Thomas apareceu no primeiro dia, foi o quinto que vimos e chamou logo a atenção.

Luc: Desde o início ficámos impressionados com a expressão dos seus olhos, com o seu ar teimoso, o seu aspecto concentrado...

Jean-Pierre: Ele tinha também uma capacidade admirável para aprender os diálogos... e ele tinha muitos. Desde os primeiros testes sentimos que ele era a personagem. Ele tinha um entendimento intuitivo do seu papel. Algo imediatamente preciso e pungente, sem nunca choramingar.

Luc: Ele foi o único a estar de forma consistente durante as 6 semanas de ensaios. Ele tornou-se um líder! Sabia todas as cenas de cor ainda antes de o termos chamado. E quando se enganava ficava verdadeiramente chateado. O Thomas é cinturão castanho no Karate! Isso ajuda-o na concentração e com a memória.

Em O MIÚDO DA BICICLETA temos a cidade mas também a floresta que a rodeia...

Luc: Imaginámos um triângulo geográfico para este filme: a cidade, a floresta e o posto de combustível. A floresta é, para Cyril, um local de atracções perigosas, o local onde ele pode aprender a ser um pequeno criminoso. A cidade encarna o passado com o seu pai e o presente com a Samantha. O posto de combustível é um espaço de transição, onde o enredo sofre muitas reviravoltas.

Jean-Pierre: Quisemos construir o filme como uma espécie de conto de fadas, com vilões que fazem com que o miúdo perca as suas ilusões, e com Samantha, que surge quase como uma fada-madrinha. Durante pouco tempo, chegámos mesmo a pensar dar o título “Um Conto de Fadas dos nossos dias” ao filme.

Pela primeira vez usam música, ainda que com moderação...

Luc: É muito raro nos nossos filmes e hesitámos durante muito tempo. Num conto de fadas é necessário haver um desenvolvimento com emoções e novos começos. Pareceu-nos que a música, em certos momentos, pode funcionar como uma carícia tranquilizadora para Cyril.

Estão de regresso a Cannes, onde já conquistaram duas Palmas de Ouro (por “Rosetta”, em 1999, e “A Criança”, em 2005). O que significa para vocês o Festival?

Jean-Pierre: É muito importante mostrarmos os nossos filmes aqui. É muito agradável voltarmos cá, de cada vez. Adoramos a onda de adrenalina que apenas existe em Cannes.

Luc: O nosso cinema deve muito ao festival. A nossa história continua aqui, uma história feliz até agora...

Filmografia Seleccionada

1987 – “Falsch”

1992 – “Je Pensei à Vous”

1996 – “A Promessa”

1999 – “Rosetta” – Palma de Ouro e Prémio de Melhor Actriz (Cannes)

2002 – “O Filho” – Prémio de Melhor Actor (Cannes)

2005 – “A Criança” – Palma de Ouro (Cannes)

2008 – “O Silêncio de Lorna” – Prémio de Melhor Argumento (Cannes) e Prémio de Melhor Filme em Língua Francesa (Lumiere)

2011 – “O Miúdo da Bicicleta” – Grande Prémio do Júri (Cannes), Prémio de Melhor Argumento pela Academia de Cinema Europeu

Entrevista com Cécile de France



Qual foi a sua primeira reacção quando terminou a leitura do argumento de O MIÚDO DA BICICLETA?

Os irmãos Dardenne escrevem tão bem que vi imediatamente o filme... O poder da simplicidade é o que melhor define o seu trabalho. Esta história de um pequeno rapaz que quer encontrar o pai não precisa de nenhum efeito demonstrativo. A intensidade é subterrânea; repousa na sugestão. O cinema dos dois irmãos não dá lições, recusa interpretações simplistas e a chantagem emocional. O argumento era a prova disso. E eu adorei.

Como é que os irmãos lhe apresentaram Samantha?

Eles não gostam de explicações psicológicas. A Samantha é benevolente, radiante, mas os Dardenne deixaram claro que não devia exagerar no departamento da doçura! Disseram-me que este filme era uma espécie de conto de fadas e que o meu trabalho seria o de representar uma mulher que é uma

mistura entre bondade e força e cujas motivações permanecem desconhecidas. No início, Cyril está menos interessado em Samantha do que na possibilidade que ela proporciona de encontrar o seu pai. O Cyril é o protagonista. A Samantha está ao seu serviço. E eu tive de servir a história.

É frustrante?

Nunca! Gosto de estar ao serviço! E gostei verdadeiramente do facto de ter de esquecer alguns hábitos de actor. Tive de deixar o meu ego de lado. Com os Dardenne de qualquer forma temos de deixar de lado tudo o que não faz sentido. Esqueçam tudo acerca do “desempenho do actor”! Os belgas têm uma atitude “Abaixo o glamour!”. “Abaixo o *star system*!”, “Viva a história!”. Por mim tudo bem.

Queria trabalhar com eles há algum tempo?

Sim. Adoro a forma como eles mostram a vida real e a nossa sociedade. Os irmãos Dardenne são belgas. Eles filmam o nosso país com imensa subtileza. Fiquei verdadeiramente honrada por me terem convidado para o mundo deles. Quanto mais singular é o universo de um realizador, mais isso me pode enriquecer.

Como foi trabalhar com Thomas Doret, que tem apenas 13 anos?

Os irmãos Dardenne são muito bons a fazerem com que todos se sintam iguais. Nunca me senti a “actriz com experiência”. Thomas passou mais tempo do que eu a ensaiar portanto ele estava mais preparado do que qualquer outro. O facto de ser novo proporcionou-lhe algumas vantagens. Ele foi capaz de encontrar a espontaneidade da sua personagem muito mais rapidamente do que eu. Não teve de apagar as suas experiências anteriores.

Esta experiência mudou a forma como vê o cinema?

A contenção faz mais parte do meu horizonte agora. Quero continuar a criar e a inventar mas ter aprendido como não o fazer foi uma ótima experiência.

Aqui está de novo em Cannes...

Estou particularmente orgulhosa de regressar a Cannes com O MIÚDO DA BICICLETA que se insere num género de cinema que eu adoro mais do que tudo. Um filme que nos ajuda a compreender que o mundo em que vivemos faz-nos bem.

Críticas

“A magia exemplar do cinema dos Dardenne reside num argumento e numa realização que privilegiam a elipse, fazendo avançar a história sem diálogos explicativos, sondando a dor filmando-a de viés. Ela é insinuada, mais do que mostrada, pelos lugares, pelos objectos (...) mas também por comoventes metáforas”. (...) Grande arte.”

Le Monde - ★★★★★

“Com pequenos passos, os irmãos Dardenne renovam o seu cinema. Um trabalho de ourives, um resultado avassalador.”

Les Inrockuptibles - ★★★★★

“Tocante fábula social. (...) O MIÚDO DA BICICLETA, quer na sua forma como no seu fundo, é uma autêntica jóia hollywoodiana, no sentido artesanal e estético do termo.”

Libération - ★★★★★

“A fluidez do filme é siderante (...). Cécile de France, tão dura quanto doce, dotada de uma força que raramente lhe vimos. A seu lado, o jovem Thomas Doret é um prodígio de interiorização.”

Premiere - ★★★★★

“Mais uma vez, os irmãos Dardenne perturbam. Mas o seu olhar nunca foi tão terno.”

Télérama - ★★★★★

“O MIÚDO DA BICICLETA agarra pelo coração.”

Philadelphia Inquirer

“A beleza e intensidade de O MIÚDO DA BICICLETA permanecem connosco durante muito tempo. ”

Wall Street Journal

Ficha Artística

Samantha - Cécile de France

Cyril - Thomas Doret

Guy Catoul - Jérémie Renier

Wes - Egon Di Mateo

Com a participação de Olivier Gourmet

Ficha Técnica

Realização e Argumento - Jean-Pierre e Luc Dardenne

Direcção de Fotografia - Alain Marcoen

Montagem - Marie-Hélène Dozo

Engenheiro de Som - Jean-Pierre Duret

Décors - Igor Gabriel

Guarda-Roupa - Maïra Ramedhan-Levi

Maquilhagem - Natali Tabareau-Vieuille

Produtores - Jean-Pierre e Luc Dardenne,

Denis Freyd

1h27 – 2011 – Dolby SRD –1.85 – 35mm